

## Os cadernos de campo de Roger Bastide: entrecruzamentos múltiplos

Maria de Lourdes Patrini-Charlon  
(UFRN)

Este trabalho de análise dos cadernos de campo de Roger Bastide inscreve-se na dupla dimensão da antropologia e da história cultural. Os cadernos de campo do antropólogo representam um conjunto notável de escritura autográfica preparatória no seio dos quais encontram-se expostos os passos de uma produção e do itinerário de sua viagem à África do Oeste, em 1958. Neste artigo, proponho-me a examinar a variedade e o conteúdo do material manuscrito e dos suportes sobre os quais repousa a escritura do pesquisador francês. As diferentes ações de escritura, assim como a variedade de suportes e de conteúdos, serão apresentados através da “mise en relation”, realizada pela interlocução observada nos manuscritos encontrados nos arquivos do “fundo Bastide”. Essa “mise en relation” está presente entre a escritura e o suporte, entre as práticas de escritura, entre os suportes, entre os dados e, igualmente, entre as vozes de pesquisadores que, de uma forma ou de outra, são sujeitos participantes da pesquisa do estudioso. Estarei privilegiando a escritura de campo e, enquanto suporte, os cadernos, porque eles estão em relação direta com o meu real objeto de pesquisa. O material selecionado e os conteúdos privilegiados pela minha pesquisa encontram-se classificados na « categoria » **NOTES**, na « rubrica » **Notes de lecture et de voyages**. do inventário elaborado pelo Institut Mémoires de L'édition Contemporaine (IMEC), na França.

## A escritura de campo de Bastide: o pesquisador – escritor

Se Gustave Flaubert deu início a uma nova geração, a dos “escritores – pesquisadores”<sup>1</sup>, podemos dizer que Roger Bastide pertence a uma geração de “pesquisadores – escritores”. Seus manuscritos constituem uma quantidade considerável de notas autográficas e de notas de trabalho que dão a dimensão da força de investigação e de verificação do antropólogo que, além de uma curiosidade científica sempre presente, fez de seu objeto de estudo a causa de seu percurso. Segundo suas próprias palavras, “escrever” é sempre retirar das profundezas do “eu” todos os tesouros escondidos, todas as flores noturnas do subconsciente, e é também, por consequência, despertar todos os demônios e os deuses escondidos, liberar os antepassados”. (Beylier, 1944a: 3-4)<sup>2</sup>.

Bastide concebe uma problemática central sobre os contatos culturais e sistemas simbólicos em um campo bem preciso e que ele jamais abandonará. Seu campo de observação será a França, a África do Oeste e o Brasil. Sua escritura de campo revela sua escolha e confirma seu engajamento e busca constante concernentes a essas questões:

*Lundi 18 août – lettre n. 15*, Bastide anota em seu *Cahier – Mon Journal*<sup>3</sup> : *Conversation avec V. sur la comparaison entre Eguns à Bahia et ici*<sup>4</sup>.

Se em suas pesquisas Bastide privilegia a comparação, ele confere ao mesmo tempo uma importância considerável às trocas assimiláveis, ao modo assimétrico sobre a forma na qual as coisas se passam, sabendo como levar em conta o resultado de um produto híbrido. Desde o início de sua produção sobre o Brasil, Bastide procurou conhecer bem as relações íntimas existentes entre os negros e brancos na sociedade brasileira, marcadas por distanciamentos e reaproximações múltiplas. Ele se perguntava frequentemente: “Comment penser le contradictoire?” (Beylier, 1978: 221). Para ele o Brasil é um exemplo da interpenetração de civilizações e é o lugar onde se realiza o cruzamento de tradições intelectuais distintas. Segundo o pesquisador, esse cruzamento lhe permitia compreender as especificidades do país e de seu povo e também de onde ele extrairia os instrumentos conceituais necessários para a análise de seu objeto de estudo. Para Roger Bastide

<sup>1</sup> Ver artigo de BIASI, Pierre-Marc de. “Notion de carnet de travail : le cas Flaubert”. In: *Carnets d'écrivains*. Paris, Éditions du Centre National de la recherche scientifique (CNRS), 1990, pp. 23-56.

<sup>2</sup> BEYLIER, Charles. “Le sujet et l'objet”. In: BASTIDE, Roger. *Images du nord-est mystique en noir et blanc*. Pandora/Des Sociétés, Paris, 1978. p. 222. (Beylier cite Bastide). (tradução nossa).

<sup>3</sup> *Mon Journal* estará no texto sempre em itálico, pois esta denominação foi dada por Bastide ao *cahier* I.

<sup>4</sup> Neste texto todas as citações de Bastide estarão em itálico.

<sup>5</sup> Todos os documentos manuscritos de Roger Bastide sobre sua viagem de estudos à África são inéditos.

<sup>6</sup> Sobre esta experiência, Bastide escreveu um artigo que foi publicado com fotos de Pierre Verger na revista *Etnografia*, n.18, Museu Nacional de Etnografia e História. Junta Distrital do Porto, 1968. (N. O.) e em *Verger-Bastide: dimensões de uma amizade*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002. No entanto, o texto manuscrito encontrado no caderno de campo é ainda inédito.

<sup>7</sup> VERGER, Pierre. “Roger Bastide”. In: LUHNING, Angela (org) *Verger-Bastide: dimensões de uma amizade*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002, pp. 255-257.

<sup>8</sup> LUHNING, Angela (org) *Verger-Bastide: dimensões de uma amizade*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002, pp. 39-54.

<sup>9</sup> Conforme conceito desenvolvido por Paul Ricoeur em *Temps et Récits*. Paris, Seuil, 3v. 1985.

era necessário ir ainda mais longe em sua compreensão, por isso quis conhecer as fontes, ver, entender, enfim estar no campo. Assim, ele parte em viagem para a África do Oeste (Benin e Nigéria) em 1958, por setenta e dois dias. Durante sua permanência nessa região africana, ele recolhe um *corpus* que reúne mitos, narrativas, rituais, canções, provérbios, danças, expressões típicas e fatos folclóricos<sup>5</sup>. Ele compartilhou esta experiência com seu amigo, o antropólogo Pierre Verger<sup>6</sup>. É, pois, o próprio Verger quem nos informa dizendo que, infelizmente, Bastide não redigiu o livro que queria ter preparado a partir das notas obtidas na África - e complementa: “Fato lamentável, pois não há dúvida de que ele teria sabido nos transmitir tudo o que havia visto, com aquela mistura de poesia e humor que ele sabia incluir na sua obra de sociólogo”<sup>7</sup>. Em “As múltiplas atividades de Roger Bastide na África (1958)”<sup>8</sup>, Pierre Verger reafirma ainda: “Bastide, infelizmente, não publicou um livro apresentando o conjunto de impressões e experiências vividas por ele durante sua estada no Golfo de Benin (...)”. Além das articulações mencionadas, nessa matéria manuscrita e inédita há outras presentes entre a escritura de campo e as notas de leitura, os desenhos, as fotos e os mapas de itinerários. Trata-se de uma escritura que acolhe ainda: seleção mais ou menos voluntária dos fatos, deslocamentos, organizações cronológicas e diacrônicas de acontecimentos que, elaborados dentro de uma dinâmica, serão os responsáveis pela construção de uma trama<sup>9</sup> entre os documentos manuscritos. Assim, jogos de interações constantes são estabelecidos, revelando as interferências entre o “eu” e o “grupo”, um “eu” que não sai jamais impune da experiência, pois com Bastide não há de um lado o observador e do outro a realidade que ele estuda.

## Os manuscritos: articulações em vários sentidos

### 1 – Dos manuscritos com o inventário

Entre os documentos e o inventário há uma dinâmica que é absolutamente estabelecida no momento da organização e da distribuição dos documentos. Isso requer do pesquisador muita atenção, pois ele deve estar sempre pronto a usar sua experiência para perceber exatamente onde se encontram os pontos nevrálgicos

das relações entre os manuscritos: Como foram estabelecidos? Quais os critérios e caminhos escolhidos pelos técnicos que os manusearam ordenando-os, com o objetivo de dar-lhes coerência? Definir o lugar mais adequado para cada um dos documentos é, sem dúvida, o primeiro desafio para quem vai realizar este trabalho, chegar a um conjunto no qual cada peça deve estar em relação com as outras, respeitando sempre o tempo, o espaço, o contexto, a história dos documentos e a tradição terminológica, o que não é tão evidente como pode parecer à primeira vista. Nos arquivos do “fundo Bastide” não temos documentos classificados sob a categoria “cadernos de campo” e nem “cadernos de trabalho”, por exemplo. Esses são alguns dados que indicam que o pesquisador tem que construir suas próprias trilhas no inventário, para isso ele tem que conhecer minimamente o objeto de estudo e a obra do estudioso. Por exemplo: o primeiro título consultado [LE CANDOMBLÉ DE BAHIA ET LA CÉRÉMONIE DE ONDO (KOBÉ)] pertence à “categoria” **NOTES**, logo à “rubrica” **Notes de lecture et des voyages**. A descrição dos documentos contidos nesse título anuncia, entre outros documentos: Mss – cahier de notes avec quelques dessins. Na realidade, o que havia era um caderno do tipo brochura (50 páginas), com um título sobre a capa da frente : *Le candomblé de Bahia*, escrito por Bastide. Na quarta capa (verso), Bastide anotou: *Cérémonie de Ondo, Kobe, 22 juillet, (fête des Ignames Neuves)*. O título do inventário anuncia, mas não explica nem especifica seu conteúdo. Em um mesmo conjunto (pasta) estão reunidos o candomblé da Bahia e a cerimônia de Ondo. Isso vai exigir explicações mais precisas, principalmente se considerarmos que nesse caderno há duas práticas de escritura diferentes: uma de trabalho e a outra de campo. Qual percurso deverá percorrer o pesquisador para concluir que o caderno em que o antropólogo registrou suas notas de campo da cerimônia de Ondo corresponde à estada de Bastide na África, em 1958? Sabemos muito bem que Bastide esteve na África diversas vezes. Se as notas de campo correspondem apenas a um dia de observação, o dia 22 de julho, como encontrar o ano correspondente? A data colocada na capa do caderno não traz o ano. Como precisar as datas com tais incertezas se o pesquisador está com esses documentos pela primeira vez nas mãos? O título é o primeiro entre mais de sessenta existentes nessa categoria do inventário<sup>10</sup>. Na

<sup>10</sup> Entretanto, a pesquisa que eu estava realizando na categoria **Notes**, na rubrica **Notes de lecture et de voyages**, mostrava-me a cada dia que, se os cadernos de campo realmente existissem, havia uma grande chance de eles estarem classificados naquela rubrica.

rubrica **Notes de lecture et de voyages** encontramos dois subconjuntos: notas de leituras e de viagens. O caderno em questão não se insere nem em notas de viagens nem tão pouco em notas de leitura. Ele foi denominado simplesmente caderno de notas, sem qualquer outra especificação. Isso me levou a pensar que havia uma grande possibilidade de o conteúdo ter sido priorizado na classificação dos documentos, sem levar em conta os suportes e tão pouco as práticas de escritura, a não ser aquelas já consagradas, como a correspondência. Para mim algo estava claro: a nomenclatura ‘caderno de campo’ estava excluída dessa classificação, até porque o interesse por essa prática de escritura autográfica é bem recente. Na realidade, Bastide dividiu materialmente esse caderno em duas partes, utilizando ações de escritura diferentes. Na frente, trata-se de um caderno de trabalho e no verso de um caderno de campo. Na frente temos a correção por página do livro *Le Candomblé da Bahia-Brésil*: evidentemente não se trata de notas de leitura, nem de viagem, nem de campo, pois estas notas estariam mais próximas de notas de trabalho, ao invés disso, trata-se de correções das provas preparatórias da edição do livro. No verso, temos as notas que Bastide tomou durante uma cerimônia de Ondo, a que assistiu em Kobe, África do Oeste, em 1958, mas isso eu só pude descobrir e confirmar depois de ter avançado bastante na leitura dos documentos. Primeiramente, foi necessário encontrar o *Cahier I – Mon Journal* e depois de muito trabalho de análise consegui estabelecer as relações. Em seu diário de campo, no dia 22 de agosto, ele registra o acontecimento, apenas anunciando o fato e dizendo: *voir autre cahier*. Essa bipartição da classificação em *lecture / voyage* assim como a de caderno de notas não foi feita por Bastide. No conjunto em que foi colocado este caderno de “notas”, como foi denominado, há, igualmente, um texto manuscrito de Roger Bastide sobre o êxtase. Esse texto se refere provavelmente ao capítulo V: “La structure de l’extase”, de seu livro *Le Candomblé de Bahia-Brésil*. Nesse sentido, constatamos que essa classificação não é satisfatória, nem globalmente do ponto de vista dos títulos, nem localmente do ponto de vista dos documentos e muito menos do ponto de vista dos suportes. Ressaltamos que se os cadernos de campo encontrados fazem parte da “rubrica” **notes de lecture e de voyages**, essa “rubrica” abriga uma vasta nomenclatura: caderno de notas, caderno

de viagem, diário de viagem, carnê de viagem, notas de viagem, notas de visitas e carnê de notas. Essas são todas as denominações que foram dadas ao suporte cadernos. Nesse caso, percebe-se muito bem que a noção de “caderno” e de “viagem” é um tanto quanto ambígua. Inicialmente, é preciso esclarecer que nós não podemos misturar caderno de campo, caderno de trabalho, caderno de viagem se quisermos respeitar a tradição terminológica. Para o técnico que elabora o inventário é, sem dúvida, difícil reconhecer a importância de certos elementos que caracterizam os manuscritos e as práticas de escritura. Entretanto, para o pesquisador se dar conta, num primeiro contato, de que um caderno utilizado frente e verso, sem data completa, contendo práticas de escritura e conteúdos diferentes possa ser identificado, ao menos em uma de suas partes como um caderno de campo e que possua relação estreita com as anotações diárias feitas por Bastide no *Cahier I – Mon Journal* durante sua estada em 1958, na África, não é também nada simples. Um documento é às vezes colocado em um título que, de início, pode parecer revelador, mas que esconde elementos e, em alguns casos, os mais importantes. A escritura de campo desse caderno foi organizada de forma particular, o antropólogo elaborou seu texto respeitando as partes da cerimônia assistida, ele não se serviu de uma escritura diária. A especificação (suporte, conteúdo, escritura) dos cadernos está longe de ser estabelecida segundo uma terminologia mais adequada e a escolha do título **notes de lecture et de voyage** não dá senão uma indicação muito geral do conteúdo da rubrica. Assim, um documento manuscrito (reunido em um título específico) pode pertencer a um “título”, que normalmente indica seu conteúdo, mas ele pode estar, às vezes, em relação mais estreita com outros documentos, ou seja, fazendo parte de outros conjuntos, em títulos diferentes. Dessa forma, a leitura de outros documentos colocados em títulos ou até mesmo de rubricas diferentes é necessária para se encontrar o fio orientador. Os outros documentos do mesmo conjunto não são sempre esclarecedores, eles exigem também outros percursos mais elaborados da parte do pesquisador. Enfim, o *corpus* é extremamente diverso e heterogêneo, por isso trabalhoso, exigindo conhecimentos específicos sobre os seus conteúdos. Apesar de todos os esforços para se dar certa clareza, um inventário merece ser sempre retrabalhado, pois há continuamente

te a necessidade de novos ajustes. Com as evidências que temos, cabe ao pesquisador descobrir os caminhos nos quais o inventário foi construído para poder reorganizar sua busca. Mesmo se a construção do inventário obedeceu a técnicas propagadas, é preciso saber que as evidências seqüenciais não são sempre credíveis, porque as verdadeiras chaves não são encontradas senão após muito trabalho. Com isso, quero dizer que as rotas apresentadas pelo inventário são preciosas para que o pesquisador possa começar seu trabalho, mas cabe a ele assumir a tarefa de restabelecer um novo caminho onde os documentos manuscritos serão deslocados de um lado a outro, para serem recolocados em contato com os seus pares, formando um conjunto coerente.

## 2 – Dos suportes com a escritura de campo

Para Roger Bastide a escolha do suporte é uma questão de menor importância. Folhas avulsas de todos os tamanhos e cores, diversos tipos de papéis assim como materiais destinados a um uso bem preciso, tais como os envelopes, os calendários ou as cartas de visita podem ser suportes para os seus registros. Da mesma forma que nos cadernos convivem práticas de escritura diferentes, encontramos a prática de escritura de campo em uma variedade de suportes. Essa diversidade vai exigir uma disposição considerável para a leitura de documentos que, se à primeira vista não se assemelham aos materiais que estão sendo buscados, podem, no entanto, conter a chave para certos mistérios. A prática tem nos mostrado que as classificações dos manuscritos e seus suportes jamais podem nos dar uma garantia e que os desvios merecem, algumas vezes, mais atenção que a rota bem traçada. Deixando de examinar um documento, estaremos arriscando deixar para trás algo precioso. Como selecionar toda essa matéria? Talvez seja menos complicado quando se procura o manuscrito de uma obra específica, mas quando se trata de escrituras preparatórias como os registros de campo, o pesquisador deve absolutamente esmiuçar todo o inventário, pois a ausência de uma nomenclatura que defina suporte e conteúdo exige uma busca que vá além da questão da terminologia utilizada e que ultrapasse a questão das evidências. Exemplo: as folhas azuis avulsas classificadas e descritas no inventário como ‘algumas notas de leitura’ no

título [CAHIER DE VOYAGES : DAHOMEY ET NIGERIA I] contêm, além das notas de leitura e referências bibliográficas, uma classificação e uma descrição com algumas indicações das páginas dos conteúdos de cada um dos cadernos de campo elaborados por Bastide durante sua permanência na África em 1958. A leitura minuciosa dessas folhas levou-me a descobertas preciosas, que significaram um ponto de chegada e ao mesmo tempo um ponto de partida. Nessas folhas, Bastide elabora índices sobre alguns conteúdos de seus cadernos, mas onde estariam os suportes com tais conteúdos? Assim uma lista de assuntos com as páginas numeradas do *Cahier I* continua até a página 188, onde ele anota: *Yhovisme* (sublinhado por Bastide). Nesse *Cahier I*, o pesquisador ressalta as páginas que abrigam suas notas de leitura. No entanto, quem conhece bem esse caderno sabe que as notas de leitura estão na mesma seqüência em que se encontram a escritura profissional, diária, com dados obtidos no campo e também algumas extraídas de arquivos documentais, além da escritura pessoal. Na prática de escritura de campo não vamos encontrar sempre a linearidade e a seqüência habitual tão desejada. No caso de Bastide, podemos dizer que tanto para a classificação dos cadernos quanto para as ações de escritura e para os suportes, as tônicas são a variedade e a diversidade.

Seguindo a classificação do antropólogo (na folhas ¼ azuis) saltamos do caderno I ao caderno III e mais tarde, ele retorna ao caderno II.

*Cahier des Baptêmes à Agoue 1846 – 1880 n. III*<sup>11</sup>

+ [esses sinais estão no manuscrito]

p.1 – Bres. cath.

Bres. Et armé de Français

p. 15 – Bres. cath. (1956)

p. 17 – Bres. cath. Histoire + p.18 ( Fétichisme)

p. 19 – Les maisons brésiliennes à Lagos (article)

A lista vai até a página 29 – *cimetières, inscriptions*<sup>12</sup>.

Ao lado das páginas acima citadas, Bastide anota entre colchetes : [*Papiers à part Brésiliens Porto Novo, liste, mariages etc.*]

<sup>11</sup>Indicação e descrição do conteúdo de algumas páginas do caderno III.

<sup>12</sup> Esses conteúdos das páginas fazem referências aos dados oriundos de documentos.

Em seguida e após o traço de separação habitual há a lista de páginas do caderno II.

<sup>13</sup>Indicação e descrição do conteúdo de algumas páginas do caderno II.

*p. 1 – Visite Nègres à Chacha*

Mais adiante, ao lado das páginas, ele anota : *n.II* <sup>13</sup>

*p. 13 – Port des esclaves Ouidah*

*p. 15 – Baptêmes à Ouidah. 1876 – 1881 / 1866 – 1873*

Bastide anota ao lado da *p. 15* : *Suite carnet jaune – 1880* e embaixo dessa informação:

+ *cahier bleu clair* – 1875.

É interessante observar que, diferente do *Cahier I*, os conteúdos das páginas não se referem somente às notas de leitura no *Cahier II* e no *Cahier III*, ou seja, encontramos exemplos extraídos do campo nesses *cahiers*, por exemplo: *p.10 – Visite d’Almeida*; e igualmente anotações oriundas de fonte documental, por exemplo: *p.15 – Baptêmes à Ouidah et p. 87 – Rôle Bres. Guerre 1914.*

Assim, num mesmo caderno convivem notas de trabalho, de campo e anotações pessoais. Talvez a necessidade de traçar um percurso, organizando seus instrumentos de trabalho e seus dados em relação ao seu objeto de estudo é que motivou Bastide a elaborar esses índices dos cadernos. De qualquer forma, para mim, esta classificação foi extremamente útil. A partir dessas informações, pude identificar e selecionar alguns dos cadernos existentes no inventário. Entre os meus achados, eu sabia faltava ainda encontrar outros cadernos. A variedade de documentos é uma constatação, seja do ponto de vista do material, seja em relação ao conteúdo e ao suporte. No entanto, isso não me impediu de penetrar nesses conjuntos e, assim, tentar analisar a escritura do antropólogo, conhecendo mais de perto suas experiências de trabalho de campo. Normalmente, a escritura de campo e seus suportes (cadernos, carnês) constituem-se em torno de uma exigência material, da continuidade textual e por isso o pesquisador tenta evitar *a priori* o uso de folhas avulsas, mas isso está claro que para Bastide é uma norma que se transgride. Escrever, anotar, registrar são as ações que orientam a conduta do estudioso e isso ocorre sempre dentro de uma dinâmica. Frequentemente, ele interrompe seus registros para anotar uma questão que será refletida e discutida mais tarde, faz desenhos, esboços diversos, faz referências a títulos de obras, menciona trabalhos de outros pesquisadores, enfim, sua escritura profissional revela um diálogo permanente entre o “aqui” e o “agora”, momento performático da

ação do pesquisador e sua experiência acumulada. Bastide elabora inventários para tudo: sobre seus artigos, leituras, livros, publicações, listas de obras lidas ou para serem lidas, correspondências, nomes de pessoas e de amigos e isso tudo pode estar em meio às notas de campo. Apesar de muitas vezes constatarmos a sua falta de interesse por um suporte mais adequado ao exercício de seu ofício, ele demonstra, de uma maneira particular, muito rigor nas suas ações de escritura. No entanto é possível que, para esta viagem de pesquisa, ele tenha escolhido alguns cadernos como suporte, pois ele chegou mesmo a elaborar durante a viagem de 1958 um diário de campo<sup>14</sup> – *Mon Journal*, como ele mesmo denominou. Eu diria que Roger Bastide, além do pouco interesse que demonstra pelo suporte, parece preferir os suportes mais simples e os mais acessíveis. Prova disso é que, entre os cadernos de campo de Bastide examinados, o *Mon Journal* é um simples caderno do tipo escolar, dois outros trazem sobre a capa a denominação de caderno de “rascunho” e um outro é um caderno de publicidade (Air France). Enfim, todos os cadernos se assemelham a cadernos escolares.

<sup>14</sup>Entre os cadernos encontrados, este é o único que foi construído com a escritura diária, dia-a-dia, durante os 72 dias que passou na África, em 1958.

### 3 – Entre as práticas de escritura do *Mon Journal*

Para tratar dessa articulação interna, ou seja, da “mise en relation” que observamos nas ações escriturais de Roger Bastide no interior de um mesmo caderno – o *Cahier I – Mon Journal*, podemos começar dizendo que ele contém a escritura nômade e a sedentária que pode se efetuar através de duas ações e em dois momentos distintos. O antropólogo serve-se desse caderno, enquanto suporte, também em dois momentos distintos e com funções distintas: suporte nômade e suporte sedentário. Entretanto, no que se refere às práticas de escritura, as fronteiras não são assim tão delimitadas. Em cada um desses momentos, podemos ter a presença da escritura profissional e a pessoal. Assim, num mesmo dia ou numa mesma página, podemos encontrar notas com descrições dos dados obtidos no campo, notas de leitura, referências bibliográficas, registros de comentários posteriores, resumos de observações, algumas notas à margem e anotações pessoais. Em meio a esta variedade observei ainda a presença de anotações feitas após a observação, frases conclusivas que resumem reflexões,

novas hipóteses, diferentes problemas, lembretes (*Ver V. photos*), enfim, nada parece escapar da pena do pesquisador que mantém tudo sob controle. Importante ressaltar que, ao lado da escrita diária obtida no trabalho de campo, há ainda a presença de outros dados, mas dessa vez oriundos de arquivos (fonte documental)

O *Cahier I – Mon Journal* é do tipo quadriculado, brochura, 192 páginas, capa cartonada de cor cinza, formato 22cmx16,5cm, tipo escolar. As páginas do caderno foram numeradas, elas comportam somente a escritura manuscrita, desenhos e esboços também de autoria do antropólogo. Ele preencheu todas as páginas com uma caneta do tipo esferográfica azul com uma escrita minúscula, de leitura difícil. Como já foi dito anteriormente, estão presentes nesse caderno a escritura profissional e a pessoal, distribuídas da seguinte maneira por Bastide<sup>15</sup>: da página 1 à página 182 – escritura de campo – *Mon Journal* – e as 10 páginas finais foram consagradas quase que exclusivamente à escritura pessoal. No entanto, a parte destinada à escritura profissional, como já foi bem evidenciado, não contém somente a escritura de campo:

<sup>15</sup> Conforme a classificação feita por Bastide, há duas denominações: *journal* ou *cahier*.

Mercredi 27 août lettre n°22

(...) Visite du tombeau du roi Glebe. Enorme mausolée, avec son lit au centre et moustiquaire, pour que son âme puisse se reposer. (...) Après visite au quartier des forgerons – bijoutiers.

Essas páginas estão entremeadas por notas de pesquisa documental, de leitura e também pela escritura pessoal:

*Puis lu un peu. L'après-midi ai pris documents politiques sur Brésiliens à la commission des Affaires Politiques du Gouvernement. Passé l'après-midi et la soirée à les lire et à prendre des notes.*

Às vezes estas interferências se dão de forma ainda mais surpreendentes. Nesse caso, a escritura profissional se justapõe com a pessoal, intensificando-se mutuamente:

Samedi 16 août lettre n°13

Aujourd'hui fait un peu de correspondance. Je ne suis pas sorti. V. est un peu fatigué. V. me parle malgré son mal de tête à nouveau de Ondo. Lui se demande, étant donné que le rituel...

(...)

Mercredi 27 août lettre N°22

*Départ à 11h30 de Ouidah. Nous passons para Allada, Agun, Bohian. Arrivée à Abomey, à prés de 14h. J'avais mangé quelques bananes en route (...).*

Algumas vezes, quando a escritura pessoal ganha espaço, ela é sempre entremeada por uma escritura de memória, de agenda que acaba por remeter de forma mais ou menos direta ao trabalho de pesquisa:

Lundi 15 septembre lettre 37

Ce matin course et promenades dans Porto Novo

*Vendredi – 29 août – Écrire à Christiane (fille de R.Bastide)*

Lundi 1° septembre

Le soir Cotonou. Dîner chez Platonoff. Rentré vers 11h ½.

Bavardé avec V. presque vers 1 heure.

Dimanche 14 septembre

*Ce matin resté à la maison p. travailler. Un peu de fièvre*

No entanto, a partir da página 183, ele anota : « Appendices<sup>16</sup> » (páginas não numeradas). Desta vez a escritura profissional está menos presente, trata-se sobretudo de uma escritura pessoal: contabilidade, listas de compras e de presentes para a família. Temos aqui a presença do Bastide organizador de listas intermináveis. Entretanto, a escritura profissional entra sorrateiramente e se mistura à escritura pessoal de uma forma menos acentuada, mas suficientemente verificável.

<sup>16</sup> Como já explicamos, trata-se apenas de uma divisão material do suporte, pois em matéria de ações de escrituras, elas continuam a transgredir as fronteiras das partes materialmente estabelecidas.

#### 4 – Da escritura profissional com a correspondência e a fotografia

Na obra autográfica de Roger Bastide há uma forte presença de colaboradores, como se houvesse uma sociabilidade de criação. Nos traços da sua escritura autográfica o coletivo junta-se ao individual. A importância da correspondência se faz num diálogo a quatro mãos e confirma uma vez mais o atributo coletivo bem marcado na sua escritura. Em seu diário de campo – *Mon Journal*, ao lado da data ele registra o número da carta que escreveu assim como o número da foto que certamente está relaciona-

da com as notas ali registradas. Exemplo:

p. 25, ele anota : *Lundi 28 – Lettre n° 1.*

p. 27 : *Mardi 29 – lettre n°2*

*Vendredi 5 Septembre. Lettre n° 28 (photo 3)*

Fizemos a leitura de grande parte da correspondência de Roger Bastide. No que concerne aos destinatários sei que uma grande parte era de amigos e colegas de profissão; representantes de órgãos públicos interessados em pesquisas científicas, representantes de editoras e revistas especializadas. Bastide sempre trocou cartas (profissionais e pessoais) com seus alunos, seus ex-alunos e colegas de profissão. O *Cahier I, Mon Journal* informamos que, além das cartas destinadas aos amigos e colegas, estão também registradas as que ele enviava à sua família.

A carta por definição é algo que se compartilha. Ela tem muitos aspectos: enquanto prática de escritura, é um objeto que se troca, um ato no qual estão em cena “eu, ele e os outros”. A carta, um texto autográfico, distanciada de seus atores torna-se documento. Assim, enquanto documento a correspondência vai, como outros documentos, estabelecer uma rede de relações, possibilitando interlocuções com os destinatários/remetentes, mas igualmente com os dados de campo registrados por Bastide em seus cadernos e seu objeto de estudo.

Na África, em 1958, em *Mon Journal*, Bastide conserva ainda viva a questão do “desafio popular”, discussão mantida com intelectuais brasileiros durante décadas:

Mercredi 27 août – lettre n.22

*Visite du Palais des Rois (...) Importance du symbolisme. Le symbolisme dicté par les proverbes. Ce qui fait que l'objet a à la fois 1 sens concret et 1 sens abstrait. Il y a là 1 trait de mentalité africaine que je retrouve dans le desafio : la mentalité rébus.*

A leitura da correspondência é que tornou possível, primeiramente, a compreensão mais aprofundada deste registro de campo e ainda me deu a oportunidade de acompanhar o debate sobre o “desafio” que durante décadas Bastide, pacientemente, manteve com escritores, poetas e intelectuais brasileiros.

Uma quantidade considerável de cartas endereçadas a Bastide consta do arquivo (de Mário de Andrade, Câmara Cascudo, Manuel Bandeira, Gilberto Freyre, entre outros). Algumas delas tratam de assuntos bem precisos, discutem conceitos e produções científicas (17 cartas de Lévi-Strauss<sup>17</sup>), outras abordam diretamente a pesquisa, algumas tratam diretamente de questões pessoais e há aquelas em que a escritura profissional e a pessoal convivem no texto em perfeita harmonia. Nesse sentido, citaríamos as cartas de Pierre Verger<sup>18</sup>. Das 44 cartas classificadas no título [Bibliographie (Voyage Afrique)], algumas delas tratam especificamente da viagem à África, em 1958. Nelas o antropólogo P. Verger coloca-se à disposição para receber e acompanhar o amigo e colega no seu itinerário de pesquisa. Envia também informações detalhadas sobre a viagem e a chegada. Sobre a confirmação destas trocas preliminares que antecederam a viagem de Bastide, podemos encontrar algo similar na primeira página do *Mon Journal*, de Roger Bastide.

No que se refere às fotografias ali anotadas, elas são na maioria de autoria de Pierre Verger. Isso vai possibilitar, sem dúvida, a produção de uma iconografia das idéias, mas também dos documentos manuscritos e inéditos de Roger Bastide.

Uma folha branca avulsa (A4) traz uma lista feita por Bastide sobre sua produção de artigos, os que ele tinha a intenção de escrever e publicar. Esta lista nos informa o interesse do pesquisador em divulgar os resultados de seu trabalho realizado durante sua estada na África com Pierre Verger. Aqui também o material fotográfico, principalmente o de Pierre Verger, é integrado a sua produção.

- 1- Livre ? – Remontée aux Sources R.B - Photos V. (10 à 14)
- 2- Bulletin Etudes Dahoméennes – (pour Lombard) – P.V et R.B  
Description d'une cérémonie religieuse – Photos V.
- 3- Pour Monod – Bulletin IFAN ? – (simple article sur les aspects) R.B  
Une étude sur les Brésiliens
- 4- Peut être ultérieurement livre les plus développés sur les Brésiliens d'Afrique qui a déjà un éditeur si Monod ne le prend pas, la VI Secteur va le demander
- 5- Pour le Congrès : Rapport Général sur les Marchés – P.V et R.B
- 6- Pour Annales de L.Febvre long article sur les Marchés –

<sup>17</sup> A autorização para a leitura das cartas foi concedida por Claude Lévi-Strauss através de carta manuscrita.

<sup>18</sup> Recebi, igualmente, autorização da Fundação Pierre Verger (Salvador/BA) para ler as cartas de P. Verger.

P.V. et R.B 2 à 4 Photos V.

7- Articles Revue de Paris : Fêtes d'Oxum ? ou autre cérémonie ? R.B

## 5 – Das viagens com os temas

As viagens de trabalho se sucedem na vida de Bastide. Em cada uma delas, o pesquisador carrega consigo os seus temas de estudo, bagagem cara ao estudioso que segue sempre acompanhado de suas problemáticas e hipóteses. E, assim, fazendo parte da mesma trama, os fios se multiplicam (dados), fortificando os laços (relações e conclusões) que a experiência outorga ao estudioso. Os documentos reunidos no título [*CAHIER DE VOYAGES : DAHOMEY ET NIGERIA I*], especificamente uma folha branca avulsa que traz um texto de Bastide sobre o Bumba-meu-boi (Burrinha), ilustra de forma exemplar o que acabo de afirmar. Este texto faz parte do mesmo conjunto do *Mon Journal*, diário de campo de 1958<sup>19</sup>, e está datado: (*Dimanche 27 mars 1966 – Ouidah. Association Francisco da Rocha*).

<sup>19</sup> Temos neste caso mais uma prova que a classificação do inventário considerou mais a pertinência entre os conteúdos.

Ainda não encontrei mais informações sobre esta viagem à África feita por Bastide em 1966. Entretanto, os dados de campo obtidos por Bastide confirmam que a viagem de 1966 aconteceu, pois identifiquei em sua escritura de campo uma comparação entre os dados obtidos nessa viagem e na viagem anterior, realizada em 1958. A escritura contida na folha avulsa interage com a escritura diária, Bastide estabelece relações entre as viagens, entre os dados, fazendo mais uma vez circular no tempo, no espaço e no contexto o seu objeto de estudo:

Aujourd'hui dans la même ville de Ouidah, variation par rapport à ce qui j'avais vu la dernière fois = il semble donc bien que si même structure ou schéma, grand rôle de spontanéité créatrice des animateurs.

(...) *Noter aussi variation des masques vu encore même type, mais le Water mamy, malgré ses 2 serpents, avec sa figure blanche, ses lunettes = 1 vieille danse créole davantage que mythique*. Par les bouviers avec son grand chapeau de paille etc. (ver p.2 do diário de campo, de 1958).

O confronto de relações que assinalamos durante esse tra-

balho está mais uma vez presente na variedade das práticas de escritura assumidas pelo estudioso. Para ilustrar o que acabo de afirmar, podemos citar o artigo sobre a “Burrinha” publicado em 2002. Ao lê-lo, sentimos a presença da escritura preparatória realizada no campo, fonte imprescindível para que uma outra ação de escritura desse a luz ao artigo, tornando pública uma experiência única e pessoal. Da mesma forma, pude perceber numa leitura em seqüência as relações estreitas existentes entre as duas produções escriturais, apesar de cada uma estar escrita em uma língua diferente, pois o artigo foi publicado em português, e parece dar continuidade ao primeiro, estabelecendo uma relação circular entre a escritura de campo e escritura da obra.

No artigo “A Burrinha de Uidá”, (texte de Roger Bastide et photos de Pierre Verger), publicado no livro *VERGER/BASTIDE – Dimensões de uma amizade*, temos a revelação de um desejo que será responsável por mais uma viagem, e a confirmação da busca permanente de temas que lhe são caros e que circulam nos interstícios da terras do Brasil e da África. Assim escreveu Bastide: “Foi essa vontade de rever o Brasil que me levou, nestas férias, a ir ter com meu amigo Pierre Verger entre os « brasileiros » de Uidá, de Porto Novo e de Lagos, que ele conhece tão bem. E o Brasil – esse Brasil importado para a terra africana pelos descendentes dos antigos escravos que voltaram para lá com a religião, a língua e os costumes do Brasil – mais uma vez realizou meus desejos: no próprio dia em que desembarquei do avião, sem ter tido tempo de desfazer a mala, de me instalar, Verger me arrastou a Uidá para assistir a uma “Burrinha” deliciosamente brasileira.” (Bastide, 2002: 77)

Primeira página do diário de campo:

13 juillet

*Arrivée Kotonou – Verger m’attend avec camionnette IFAN<sup>20</sup>. Beau temps, mais nuages vers le soir. Départ pour Ouidah<sup>21</sup> (40 Km environ) un dîner chez M. Bisson, maire. La maison me rappelle étrangement le Brésil : on mange dehors, en se servant soi-même, parmi les fleurs, les arbres, sous un manguier. Paysage un peu récifien<sup>22</sup>, un peu Apipucos. Plusieurs membres de la « colonie française », blancs ou Martiniquais, Guyanais – Le matin, visite du marché – L’après-midi, visite du quartier « Brésil ». Répétition de la*

<sup>20</sup> IFAN : Institut français de l’Afrique noire

<sup>21</sup> Ouidah = Uidá.

<sup>22</sup> Os dicionários *Larousse* (2002) e *Le Petit Robert* (CD 2001-2003) trazem o substantivo *récif* e o adjetivo *récifal* - e - *aux*. A forma utilizada por Bastide não consta nesses dicionários. A palavra *recifien* talvez faça parte das conhecidas adaptações (francês e português) criadas e utilizadas por Bastide.

<sup>23</sup> “Burrinha” é o nome que recebe em Dahomey a festa popular do “Bumba-meu-boi”.

<sup>24</sup> A palavra *fazendaire* pode ser o mesmo caso da palavra *recifien*: adaptações lingüísticas.

<sup>25</sup> Escolhi esse sinal (□□□□) para representar as palavras não legíveis.

<sup>26</sup> Escolhi esse sinal (//////) para representar as rasuras do texto.

« *Burrinha*<sup>23</sup> ». 2 pandeiros, 2 tambours (plusieurs noms donnés, « *marcha* » = *marcha militaire*) – Danses de 2 masques (masques achetés chez commerçants) ; apparition de « *cheval marin* », très bien – La déesse des eaux avec son allure de dame *fazendaire*<sup>24</sup>, avec ses lunettes, etc., et ses serpents caraïbes (quelle peut bien être l'origine de ce masque ?) avec ses 2 dames d'honneur, 1 plus « *brésilienne* » d'allure et l'autre plus africaine, avec coiffure africaine, toute jeune est très jolie, dignité de reine, orgueil. Répétition des sambas. Loi de la mémoire collective : fragments de phrases brésiliennes et □□□□<sup>25</sup> phrases détachées, remplissage avec de phrases africaines (syncrétisme linguistique), mais intérêt /  
//////<sup>26</sup> Verger leur copie les chants plus nettement brésiliens de Porto-Novo – La fête était tombée en désuétude, le nouveau maire qui veut redonner vie à Ouidah (peu l'égal à Kotonou) /  
//// demande de la reprendre.

As viagens, os temas, as ações de escrituras, os autores e as experiências colocam-se em relação dinâmica onde também vozes se cruzam. O exemplo mostra como surge da escritura de Verger a escritura de Bastide, desta vez vinda da experiência do campo que ambos compartilharam. Deixando para trás o contato diário com o campo de pesquisa, muda a ação da escritura, preserva-se a experiência vivida, muda-se a ação do olhar, dá-se continuidade à trama, fios intermináveis, “mise en relation” de uma prática, de uma obra, de uma vida e assim a viagem continua e é Bastide quem diz: “Mas outros deveres me esperam em Paris, e eu não verei outra vez as ‘iaôs’ de Xangô, que me fizeram sonhar em pleno coração de África, e as suas irmãs que estão do outro lado do oceano”(Verger:2003, p.50).

## Referências

BAKHTIN M. (Volochinov), *Marxismo e filosofia da linguagem*.- 6e. ed., São Paulo: Hucitec, 1992.- 196 p.

BARTHES R. *O prazer do texto*. São Paulo, Perspectiva, 1980

BIASI Pierre-Marc de et alii, *Carnets d'écrivains*, Paris, Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, 1990.- 253p.

BIASI Pierre-Marc de. *Carnets de travail. Edition critique et génétique établie par Pierre-Marc de Biasi*. Paris, Balland ; 1988. 1000p.

BOURDIEU P., LINS D. (org.) et alii , *Cultura e subjetividade*, Campinas, Papirus, 2000.- 115p.

CHARTIER Roger. *Culture écrite et société. L'ordre des livres (XIV- XVII)*, Paris, Albin Michel, 1996.

CANCLINI Nestor Garcia, *Culturas Híbridas*, São Paulo: EDUSP,1998.- 385 p.

CERTEAU M. de, *L'Invention du quotidien*, Paris :Union Générale d'Éditions,1980.- 374p.

Écrits Intimes, In: *Magazine Littéraire*, Paris, n°252-253, avril/1988.- pp-18-108.

ELIAS N., *Engagement et Distanciation*, Paris : Pocket, 1993.- 258 p.

———. *La société des individus*. Paris, Fayard, 1997.

FABRE, Daniel. *Par écrit. Ethnologie des écritures*. Paris, E.H.E.S.S., 393p.

GADAMER H-G., *L'Actualité du beau*, Aix-en-Provence : Alinéa, 1992.- 209 p.

———. *Verité et Méthode – les grandes lignes d'une herméneutique philosophique*. Paris, Seuil, 533p.

GEERTZ C., *Ici et là-bas – L' Anthropologue comme auteur*, Paris : Métailié, 1996.- 147 p.

GOODY J., *Entre l'oralité et l'écriture*, Paris : PUF,1994.- 323 p.

GRADHIVA. *Revue d'histoire et d'anthropologie*. (dossier : archives et anthropologie) Paris, Éditions Jean-Michel Place, n°30/31, 2001/2002.

- HABERMAS Jurgen, *Dialética e hermeneutica*, Porto Alegre, L&P, 1987.
- HEBRARD, Jean. « Tenir un journal. L'écriture personnelle et ses supports ». *Cahiers IRTM*. Paris, n°20, p. 9-50.
- HECKMAN, Susan, *Hermenêutica e sociologia do conhecimento*. Lisboa, 70, 1986.
- JAUSS, H.R. *Pour une esthétique de la réception*, Paris, Gallimard, 1978.
- LECARME J., LECARME-TABONE Eliane, *L'autobiographie*, Paris: 1997.- 313 p.
- LEIRIS Michel, *L'Afrique fantôme*, Paris, Gallimard, 1981. 656p.
- LEJEUNE Ph., *Le Moi des demoiselles. Enquête sur le journal de jeune fille*, Paris:Seuil,1993.-
- . *Pour l'autobiographie*, Paris : Seuil, 1998.
- . *L'autobiographie en France*, Paris: Armand Colin, 1998.- 192 p.
- LEJEUNE Ph. *Bibliographie – des études en langues française sur la littérature personnelle & les récits de vie*,. Paris, Université Paris X, ritm22, 2000.- 113p.
- . *Je est un autre*, Paris: Seuil, 1980.- 328p.
- . Écrire sur soi, In: *Magazine Littéraire*, Paris, n°367, juillet-août/1988.- p.76.
- et allii, "L'autobiographie", In: *Poétique*, Paris, Seuil, n°56, nov./83.- pp.-417-484. "Les écritures de l'intime – La correspondance et le journal", *Actes du colloque de Brest – 23-24-25 oct.*, 1997 (textes rassemblés et présentés par Pierre-Jean Dufief), Paris, Champion, 2000.-296p.
- LÉVI-STRAUSS. Claude. *Tristes Tropiques*. Paris, Plon. 1955. 504p.
- MALINOWSKI B, *Journal d'ethnologue*, Paris, Seuil, 1985. 320p.
- MAUSS Marcel. *Manuel d'ethnographie*. Paris, Payot, 1947.
- MORIN Edgar, *Journal d'un livre (juillet 1980/ août 1981)*, Paris: Inter Editions, 1981.- 229p.
- OLSON D. R. et TORRANCE N., *Cultura escrita e oralidade*, São Paulo : Ática, 1995.- 267 p.
- PETRUCCI, Armando. *Jeux des lettres. Formes et usages de l'inscription en Italie 11<sup>e</sup>-20<sup>e</sup> siècles*, Paris, E.H.E.S.S. 1993. 245p.

RICOEUR. Paul., *Temps et Récit - 3. Le temps raconté*, Paris: Seuil, 1985.- 533 p.

———. *Soi-même comme un autre*, Paris: Seuil, 1990.- 425 p.

———. *Teoria da interpretação*. Lisboa, 70, 1976.

VERGER Pierre. *Flux et reflux de la traite des nègres entre le golfe de Bénin et Bahia de Todos os Santos*. Paris, Mouton &Co., 1968. 720p.

VERGER, Pierre Fatúmbi. *Dieux d'Afrique*. Paris, Revue noire, 1995.